

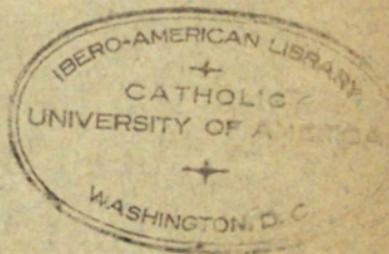
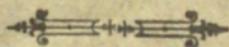
AMOR AO PELLO

PACHUCHADA EM 1 ACTO E 2 QUADROS

POR

Um Poeta

que deseja guardar o anonymo e as
porcentagens



RIO DE JANEIRO

Casa Mont'Alverne—Rua do Ouvidor n. 82

—
1897

*19th
Pamphlet
564*

AMOR AO PELLO

Pachuchada em 1 acto e 2 quadros

RÉPRESENTADA PELA PRIMEIRA VEZ NO RIO
DE JANEIRO, NO THEATRO RECREIO
DRAMATICO

EM 24 DE SETEMBRO DE 1897

A

Arthur Azevedo

O. D. C.

O Auctor.

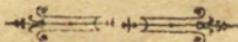
AMOR AO PELLO

PACHUCHADA EM 1 ACTO E 2 QUADROS

POR

Um Poeta

que deseja guardar o anonymo e as
porcentagens



RIO DE JANEIRO

Casa Mont'Alverne—Rua do Ouvidor n. 82

18.7

PERSONAGENS

O Bobo.....	Sr. Brandão.
O Conde.....	Sr. A. Mesquita.
A Sentinella.....	Sr. Pinto.
O Medico.....	Sr. Cesar de Lima.
O Contraregra.....	Sr. Portugal.
1º Cavalleiro.....	Sr. Louro.
2º Cavalleiro.....	Sr. Oliveira.
3º Cavalleiro.....	Sr. Baptista.
A Condessa.....	D. Pepa Ruiz.
A Aia.....	D. Maria Falcão.

Cavalleiros, monteiros, couteiros, montatarazes e aias.

63/6.

QUADRO I

Plataforma de castello com parapeito. Porta á esquerda dando para o exterior e porta á direita dando para o interior do castello. Ao fundo, paisagem.

SCENA PRIMEIRA

A SENTINELLA.

(Ao levantar o panno, a sentinella passeia ao fundo, com a lança ao hombro e a trompa a tiracollo).

CORO INTERNO

Na extrema do horizonte
Desapparece o sol,
E já não doura o monte
O fulgido arrebol.
Volvamos sem demora
Ao bem ditoso lar,
Que o nosso corpo agora
Precisa repousar.

A SENTINELLA, *declamando, enquanto as vozes se afastam.*

Os camponезes felizes,
A tarefa terminada,
Vão cantando pela estrada,
Vão abraçar os petizes.

(Passeia. Pausa).

E' triste fado o meu fado,
Pois n'uma noite tão fria,
Até que desponte o dia,
De frio todo engelhado,

Eu vou fazer sentinella,
 Enquanto a esposa mesquinha,
 Chorosa, triste, sosinha,
 No nosso tugurio véla.

(Pausa).

Confesso : commigo bole
 A idéa de que a Maria
 Procure uma companhia
 Que a saudade lhe console...
 Ai, que frio ! Felizmente
 Tenho, que sou precavido,
 No capacete escondido
 Um frasquinho de aguardente.

*(Tira de dentro do capacete um frasquinho de
 aguardente e bebe um trago).*

Ah ! Não saiba o senhor conde
 Que bem acondicionado
 Neste papelão dourado
 O meu frasquinho se esconde.

A VOZ DO BOBO.

CANTO

Eh ! sopra, vento do norte !
 Traze a minha namorada !
 Sopra mais... inda mais forte !
 Vuú ! vuú !...
 Ora adeus ! não sopras nada !

A SENTINELLA.

Lá vem Fala-só cantando.
 Oh, que tremendo cacete !
 Depressa p'r'o capacete
 O frasco de contrabando.

*(Entra o Bobo pensativo, e a passos medidos desce
 ao proscenio e reflecte profundamente).*

SCENA II

A SENTINELLA, O BOBO.

O BOBO.

Ser ou não ser...

(Emendando).

Oh! perdão!
 Enganei-me de monologo!
 Tresleio como um astrologo,
 E de juro á razão
 Tenho esta pobre cabeça!
 O conde foi hoje á caça
 E, temendo uma desgraça,
 'Stá muito inquieta a condessa.
 —Tanta demora! Deus queira
 Que o caçador empinasse
 Um pouco,

(Gesto de beber).

e a coisa não passe
 De uma enorme bebedeira.
 Que bom proveito lhe faça!
 Sim, que é coisa averiguada
 Que o conde n'uma caçada
 Bebe inda mais do que caça.
 Quando volta o ratazana
 No seu ginete montado,
 Se não traz nunca um veado,
 Traz sempre uma carraspana!
 Faz com que certa apprehensão
 O meu cerebro conceba,
 Que o conde, por mais que beba,
 Nunca jámais vae ao chão.
 Mas não! calem-se os meus ais!
 Torna-te, alma, prazenteira!
 Aquillo é que a bebedeira
 Foi mais forte que as demais.

(*Outro tom*).

Mas eia! Vamos mono-
Logar! Eu nunca me calo!
Falo, falo, falo, falo,
E chamam-me o Fala-só.
Adeus! Hei de convencil-os
Que um bobo não diz bobagens,
E que tem certas vantagens
Falar pelos cotovelos
Ou pelas tripas de Judas!

(*A' sentinella*).

Olá! Zé! Eu vou falar!

A SENTINELLA.

Pois fala!

O BOBO.

Se eu me esfalgar,
Se eu rebentar, não me accudas!

(*Desce ao proscenio*).

O meu assumpto profundo
Vae ser a pansa... oh! a pansa!
Eis a base em que descansa
O movimento do mundo!
O velho, o moço, a criança,
O rico e tambem o pobre,
Seja vilão, seja nobre,
Têm o cuidado da pansa.
Não pôde a philosophia
Do sabio mais avisado
Consolar o degraçado
Que tenha a pansa vasia
Ou não tenha a pansa cheia,
Pois que toda a humana lide
Só em tres coisas reside:
Almoço, jantar e ceia.
E notem bem: eu concedo
Que apresentem, como emenda,
Ao meio dia merenda
E café de manhan cedo.

A SENTINELLA.

O' Fala-só, vae te embora!
 Não digas tanta tolice!
 Basta de tagarelice!
 Já falas ha meia hora!

O BOBO.

Bipede implume, tu sabes
 Quem és, e de que és formado?

A SENTINELLA.

Sim, eu sei que sou soldado
 E aqui estou de...

O BOBO.

Não acabes!
 Oh! tu não sabes, criança...
 Não! tu não sabes quem és!

A SENTINELLA.

E's tu que o sabes.

O BOBO.

Talvez.

E's que o que eu sou: uma pansa!
 E' pansa o mar que murmura,
 Pansa a estrella que scintilla,
 Pansa a ave que pipilla,
 Pansa a brisa que susurra!
 Tudo, tudo é pansa apenas,
 E... deixa, ó Zé, que te informe:
 O mundo é uma pansa enorme,
 Cheio de pansas pequenas.

(Repete o canto que cantou no bastidor).

Dize-me cá uma cousa:
 'Stás aqui de sentinella,
 Muito soçegado, e ella?

A SENTINELLA.

Ella quem?

O BOBO.

A tua esposa ?

A SENTINELLA.

Dorme.

O BOBO.

Tens certeza disso ?

A SENTINELLA.

Ella é um anjo de virtude...

O BOBO.

Sabes lá se não te illude
Emquanto estás de serviço !

A SENTINELLA.

E's bobo : tens o direito
De dizer o que quizeres.

O BOBO.

Ah, meu amigo ! as mulheres...

(Interrompendo-se com uma resolução e descendo rapidamente ao proscenio).

O outro monologo deite !

(Principiando).

As mulheres...

A SENTINELLA.

Cala a bocca !
Stá toda a gente amolada,
E com razão, que a massada
Já não tem sido tão pouca.

(Perfilando-se de repente).

A condessa !

O BOBO.

Bem. Adão
 O monologo p'ra logo,
 Porque eu, quando monólogo,
 Falo tres horas a fio.

(Musica. A Condessa entra arrebatadamente, acompanhada pela Aia, e por outras Aias, que formam o coro).

SCENA III

OS MESMOS, A CONDESSA, A AIA, AIAS.

A CONDESSA.

COPLAS

I

O meu marido
 Estremecido
 Foi hoje á caça mal despertou ;
 São seis e meia,
 Hora da ceia,
 E da caçada não regressou !
 Estou nervosa,
 Vertiginosa !
 Não sei de véras o que pensar !
 Presentimentos
 Mais agoirentos
 Não poderiam me torturar !
 Nem um telegramma !
 Nem um bilhetinho !
 Pobre de quem ama
 O seu maridinho !

CÔRO.

Nem um telegramma ! etc.

A CONDESSA.

II

Provavelmente
 Houve incidente :

Cahiu, feriu-se, pobre rapaz !
 Mas por desgraça
 Que ha caça e caça
 Do theatro Apollo diz o cartaz.
 Sou violenta !
 Sou ciumenta !
 Penso que o conde não foi caçar !
 Aqui me encontra,
 Se elle é bilontra,
 C'um bom cacete para o ensinar !
 Ficará na cama
 Em lençóes de vinho !
 Assim faz quem ama
 O seu maridinho !

CÓRO.

Ficará na cama, etc.

A CONDESSA, *declamando*.

Sentinella, não vês nada?

A SENTINELLA.

Nada, senhora condessa.

A AIA.

E' provavel que appareça
 Antes de noite fechada.

A CONDESSA, *ds Aias*.

Ide ver, amigas minhas !

(*As Aias approximam-se todas do parapeito ao fundo*).

Não vedes o meu senhor ?

A AIA.

Vejo apenas um pastor,
 Recolhendo as ovelhinhas.

A CONDESSA.

Sentinella, toca a trompa !
(*A sentinella obedece*).

O BOBO.

E' o tintureiro que passa?

A CONDESSA.

Ninguem responde, oh, desgraça !

O BOBO, *à Condessa*.

Dá que o bobo te interrompa.

A CONDESSA.

Fala, bobo.

O BOBO.

Fica mansa.

Tu desse modo ralada
Não adiantas mesmo nada,
Porque este mundo é uma pansa.

A CONDESSA.

E tu és um louco.

A AIA, *ao fundo*.

Senhora,
Lá chegam tres cavalleiros !
Vêm galopando ligeiros,
Todos co'a lingua de fóra !

A CONDESSA.

Cavalleiros ? E eu assim !
Em que pese ao meu desgosto,
Vou pôr pó de arroz no rosto,
Vou pôr nos labios carmim.
— Recebei-os.

O BOBO, *consigo*.

Cara dura !
Mesmo nestas circumstancias,
Cheia de sustos e de ancias,
Não se esquece da pintura !

SCENA IV

O BOBO, A SENTINELLA, A AIA, 1º CAVALLEIRO, 2º CAVALLEIRO, 3º CAVALLEIRO, AIAS.

OS TRES CAVALLEIROS.

TERCETTO

De longe vimos
A galopar,
Vencendo leguas
P'ra cá chegar !
Nossos ginetes
Devem estar
Arrebrandados
De tanto andar !
Viemos a galope !
Ope ! Ope ! Ope ! Ope !
E com prazer tomavamos um chope !

CÓRO.

Ope ! Ope ! Ope ! Ope !...

1º CAVALLEIRO.

A condessa onde está ?

A AIA.

Na sua alcova.

O BOBO.

Sim, foi pintar-se para receber-vos.

A AIA, *aparte*.

Bobo indiscreto ! bole-me co'os nervos !

O BOBO, *aos cavalleiros.*

Vós tambem precisaveis de uma escova :
Vinde cheios de pó.

1º CAVALLEIRO.

Cala-te, Fala-só :
Viemos trazer uma noticia triste...
O conde...

TODOS.

Que ha ?

O BOBO.

Morreu ?

A AIA.

Já não existe ?

1º CAVALLEIRO.

Aqui ninguem nos ouve...
Vou dizer-vos o que ouve :

(Chegam-se todos anciosos, e o cavalleiro fala com mysterio).

Aquillo da caçada era uma historia.

TODOS.

Era uma historia ?

1º CAVALLEIRO.

E' coisa já notoria
Que ha tres leguas d'aqui o nosso conde
Uma mulata de espavento esconde,
Por signal feiticeira...

TODOS.

Feiticeira ?

1º CAVALLEIRO.

Passou com ella esta manhan inteira
E juatos almoçaram mocotó.

TODOS.

Mocotó ?



O BOBO.

Que perigo !

A AIA.

Causa dó !

1º CAVALLEIRO.

E tranquillo, na casa em que era dono,
O falso caçador ferrou no somno
E dormiu a seguir seis horas :

O BOBO.

Só !

TODOS.

Que horror !

2º CAVALLEIRO.

Quando acordou, foi ter comnosco
Que á sua espera estavamos, tenazes,
E nos disse naquelle estylo tosco
Que já lhe conheceis :—«Olá, rapazes !
Se eu voltar ao castello
E não justificar tanta demora
Com certeza a senhora
Me bate, e eu tenho muito amor ao pello...
Ide na frente, pois, e dae-lhe aviso
De que eu tive um desmaio, e foi preciso
Mais tempo aqui ficar do que devia »

3º CAVALLEIRO.

E viemos os tres em companhia,
Patati patatá, por ahi fóra,
Pregar uma patranha a tal senhora.

(Repetição do ultimo motivo do canto precedente).

1º CAVALLEIRO.

Espero que sejaes discretas e prudentes.

A AIA.

Descançae, que não damos
Com a lingua nos dentes.

O BOBO.

A condessa ahi vem.

TODOS

Pscio!

O BOBO.

Ora vamos!

Bem merece uma esposa que lhe bata
Quem troca este peixão pela mulata!

SCENA V

OS MESMOS, A CONDESSA, depois COUTEIROS, MONTEIROS,
MONTARAZES.

A CONDESSA.

Que novas me trazeis de meu marido?
Porque tanta demora?

(Os cavalleiros conservam-se curvados e silenciosos).

Essa mudez

Enche-me a alma de horror! Está ferido?
Moribundo estará? Merto, talvez?

Oh! dizei por piedade!

E' tal silencio estranha crueldade!

Eu quero. . eu quero vel-o!

Inda está vivo, espero!

Dizei-m'o! Oh! não sabeis como lhe quero,
Apezar de chegar-lhe a roupa ao pello!

(Vendo que os tres cavalleiros se conservam na mesma attitude).

Oh, que silencio horrendo!
Que cabeças curvadas!

Meu conde, meu senhor, eu me arrependo
De te haver promettido umas lambadas!

1º CAVALLEIRO.

O conde vem ahi.

A CONDESSA.

Vivo?

1º CAVALLEIRO.

Não sei.

A CONDESSA, *ao 2º cavalleiro.*

Morto?

2º CAVALLEIRO.

Não sei.

A CONDESSA, *ao 3º cavalleiro.*

Ferido?

3º CAVALLEIRO.

Não direi.

1º CAVALLEIRO.

Ides vel-o.

2º CAVALLEIRO.

Elle ahí vem.

O BOBO.

Vem de charola,
Deitado n'uma bella padiola.

1º CAVALLEIRO, *ao regente da orchestra.*

Faz favor de tocar a marcha funebre?

A CONDESSA.

Marcha funebre? Oh, fados meus tyranos!
Agora já não pode haver mais duvida:
Enviuei, e inda não fiz trinta annos!
(*Marcha funebre em surdina pela orchestra.*)
Elle onde está?

3º CAVALLEIRO.

Já vem.

1º CAVALLEIRO.

Quatro couteiros

A chegar deverão ser os primeiros.

(*Entram quatro couteiros.*)

A CONDESSA, dando um passo para a porta.
Mas agora...

2º CAVALLEIRO, retendo-a.

Vem mais quatro monteiros.
(Entram os quatro monteiros).

A CONDESSA, dirigindo-se para a porta.
Ah! emfim...

3º CAVALLEIRO, retendo-a.

Vem mais quatro montarazes.
(Entram quatro montarazes).

O BOBO.

Estes quatro rapazes
Mais me parecem moços de forcado!

A CONDESSA.

Eil-o! Agora é que chega o meu amado!

(Vae ao encontro da padiola que traz o conde, e que vem carregada por quatro homens, que a arriam no centro da scena. A Condessa ajoelha-se junto á padiola).

Oh, meu senhor! meu conde!
Olha! Sou eu! Escuta-me! Responde!
O' céos! elle respira! a colxa mexe-se!
Não estou viuva! E' vivo o meu senhor!
(Erguendo-se).

A que vem, nesse caso a marcha funebre?

(Ao regente da orchestra).

Pare, faça favor!

(Cessa a marcha funebre).

Para o quarto sollicitos levemol-o,
Não dessa marcha ao som...
Venha o maxixe, que o maxixe é bom!

MAXIXE.

Venha um maxixe
 Bem requebrado,
 Que o meu amado
 Não falleceu !
 O' minha gente,
 Com reboço
 Cae no serviço
 Que o mando eu !

(Dansa geral).

CÔRO.

Venha um maxixe,
 Bem requebrado,
 Que o seu amado
 Não falleceu !
 O' minha gente
 Com reboço
 Cae no serviço !
 Valeu! valeu!...

*(Retiram-se todos pela direita, dansando e levando
 padiola. Só ficam em scena a Sentinella ao fundo, e
 o Bobo, no proscenio, de braços cruzados, pensativo).*

SCENA V

A SENTINELLA, O BOBO

A SENTINELLA, *no fundo, comsigo.*

Está tudo descuidado...
 Ora adeus! haja o que houver,
 Vou ter com minha mulher,
 Que está me dando cuidado.
 Acharão que eu tenho telha,
 E ao meus deveres me roubo,
 Mas é que a phrase do bobo
 Poz-me a pulga atraz da orelha...

(Sae pela esquerda).

SCENA VI

O BOBO, só, depois o CONTRAREGRA.

O BOBO.

Mas, como eu ia dizendo :
 As mulheres, meus senhores,
 São demonios tentadores
 Que eu descrever não pretendo,
 Pois quem se arrogasse um dia
 A tarefa de estudal-as,
 Ver-se-ia mettido em talas
 E o seu latim perderia.
 Entre quantas appareçam
 Ninguem achará jamais
 Duas que sejam eguaes
 Nem mesmo que se pareçam.
 E muita vez acontece
 Coisa muito curiosa :
 Uma mulher caprichosa
 Nem consigo se parece.
 De manhan 'stá satisfeita,
 Rabugenta ao meio dia,
 Depois de jantar macia,
 Furiosa quando se deita.
 Se agora é toda candura,
 Logo mais é delambida ;
 Hoje é o encanto da vida
 E amanha ninguem a atura !
 Se está com o esposo feliz
 N'uma harmonia de duetto,
 De repente diz que é preto
 Quando que é branco elle diz.
 E se acaso...

O CONTRAREGRA, *apparecendo á esquerda,*

O' Fala-só,
 Acaba co'a falação !
 Espera-se por ti só
 P'ra fazer a mutação !

(Desapparece).

O BOBO, *so'.*

E' o contraregra.—Meu Deus!
Hoje é sina minha

(Ao publico).

ou vossa
Que impingir-vos eu não possa
Um monologo dos meus!

(Sae pela esquerda. Mutação).

QUADRO II

Aposento no castello. Ao fundo porta larga, fechada por uma cortina, dando para o quarto do Conde.

SCENA PRIMEIRA

FALA-SÓ, *que entra e continua o seu monologo como se não tivesse havido mutação.*

Sim, as mulheres são bichos
Bem difficeis de aturar,
Pois que nos fazem bufar
Com os seus constantes caprichos.
Quantos, queixosos da sorte,
Queixosos do casamento,
Vão allivio ao seu tormento
Buscar nos braços da morte !
Mas, apesar dos pezares
Que noite e dia o consomem,
O grande caso é que o homem
Pela mulher bebe os ares.
E se o marido suspira
Pela sua liberdade,
Perdendo a cara metade,
A outra logo se atira !
Em vindo a idade da crise,
Não ha ninguem que o imposto
Não pague á mulher por gosto,
Por gosto não se escravise.
E, se lá de vez em quando,
Nós...

(Interrompendo-se por ouvir passos e ver agitar-se a cortina do fundo.)

Bem ! lá vem a condessa !
Ora ! que sempre appareça
Alguem quando estou falando !

SCENA II

FALA-SÓ, A CONDESSA, O MEDICO, OS QUATRO CAVALLEIROS.
(*Entram todos silenciosos. Pausa.*)

A CONDESSA.

Mas enfim, que me diz, doutor? que pensa?

O MEDICO.

Penso, minha senhora,
Que os meus oitenta vou fazer agora
E nunca vi tão singular doença.
O conde deu um tombo do cavallo;
Não foi isso?

OS CAVALLEIROS.

Podemos attestal-o.

O MEDICO.

Os sentidos perdeu?

OS CAVALLEIROS.

Perdeu.

O MEDICO.

Pois bem;
Nenhuma contusão no corpo tem!

FALA-SÓ.

Nem ao menos um gallo!

O MEDICO.

Não lhe doe a cabeça, nem o braço!
Não sente a menor coisa no espinhaço!

Respira livremente
E até parece que não está doente!

A CONDESSA.

Então porque se cala?

O MEDICO.

Tem os olhos fechados, e não fala
Nem a mão de Deus Padre!

FALA-SÓ.

Que estopada
Tanto tempo é ficar sem dizer nada!

O MEDICO.

A' vista de uma coisa tão estranha,
Se outro fosse o enfermo,
Eu diria... Não digo...

A CONDESSA.

Ha de dizer-m'o!

O MEDICO.

Eu diria que aquillo era patranha,
Que estava o senhor conde a fazer manha...

1º CAVALLEIRO.

Manha!

2º CAVALLEIRO.

Que idéa!

3º CAVALLEIRO.

Que tolice!

1º CAVALLEIRO.

O conde

Está realmente enfermo.

O MEDICO.

Enfermo? Onde?

Elle que sente? o que lhe doe?

1º CAVALLEIRO.

Não sei;

Mas muito enfermo está—digo e direi.

A CONDESSA, *que ficou impressionada com a insi-*
nuação do medico.

Manha, disse o doutor... Manha? Que sabe?...

O MEDICO.

Em summa... eu nada faço... e não me cabe
Desta visita receber o preço:
Não ha molestia, e, se ha, não a conheço.

CONDESSA

Manha, disse o doutor... é isso, é!
Ah! mas o conde ha de pagar-me, olé!...

COPLAS

I

Eu tudo agora adivinho!
Não ha mais que duvidar!
Mas p'ra cá vens de carrinho!
Não me deixo engazopar!
Ai! quando eu verificar
Que é manha...

TODOS.

Que é manha...

A CONDESSA.

Péde o tratante contar
Que apanha!

TODOS.

Que apanha!

A CONDESSA.

II

Cuida o typo que me embaça
Mas não sabe o que eu cá sou!
Se foi caça aquella caça
Eu cá sei o que caçou!
Se uma peta me pregou
Tamanha...

TODOS.

Tamanha...

A CONDESSA.

Desta mão, que já provou,
Apanha!

TODOS.

Apanha!...

(A Condessa entra no quarto do Conde.)

1º CAVALLEIRO.

Vae haver o diabo a quatro!

2º CAVALLEIRO.

Um escandalo!

3º CAVALLEIRO.

Medonho!

O MEDICO.

D'aqui p'ra fóra me ponho ;
Temos scena de theatro!

1º CAVALLEIRO, *ao Medico.*

Fel-a bonita o doutor!
Não podia estar calado?
Indiscreto!

(Entra no quarto.)

2º CAVALLEIRO.

Desastrado!

(Entra no quarto.)

3º CAVALLEIRO.

Velho idiota e massador!

(Entra no quarto.)

SCENA III

O BOBO, O MEDICO.

O MEDICO, *attonito.*

Que fiz eu a este pessoal?

O BOBO.

Dal o ao desprezo tu deves:
Com quantas letras escreves
«Cavalleiros» no plural?

O MEDICO.

Mas offendeu-me essa gente!

O BOBO.

Deixa-a. Sou teu amigo
E sympathiso contigo :
Tu vaes curar o doente !

O MEDICO.

Ora faze-me favor :
O doente doente não está !

O BOBO.

Sempre um doente haverá
Onde quer que haja um doutor.
—Trouxeste a tua seringa ?

O MEDICO, *tirando da algibeira uma grande seringa.*

Cá está ! Não ando sem ella !

O BOBO.

Pois entra e, sem mais aquella,
Dos onse letras te vinga,
Dizendo que só co'a ajuda
Desse instrumento famoso
Podes curar o manhoso.
Verás como a coisa muda !
Mesmo presente a madama,
O conde, ao ver o instrumento,
Ha de falar n'um momento
E dar um salto da cama
Em que finge estar de molho,
Vae ! Mas vê tu lá !

O MEDICO.

Descança.

(Afastando-se, aparte).

Sim senhor ! esta lembrança
E' mesmo de encher o olho !...

SCENA IV

O BOBO.

(Depois de acompanhar o Medico até a porta do quarto, desce ao proscenio).

Mas como eu ia dizendo...
 Sim... se lá de vez em quando
 Ella protesta gritando,
 Protestemos nós batendo,
 E a mulher fica mansinha
 Como um cordeiro, o que prova
 Ser para ella uma sova
 A mais efficaz mezinha,
 E que dispensa o doutor...
 Deixem o arabe dizer
 Que não se deve bater
 Na mulher nem co'uma flor;
 Sim, porque a todo o marido
 Que, como o conde, é covarde,
 Ha de acontecer mais tarde
 Ser pela esposa batido;
 E se elle...

A VOZ DO CONDE.

Não ! Isso não !

O BOBO.

Ouvem? Já fala!

A VOZ DO CONDE.

Não quero !

A VOZ DO MEDICO.

Ha de querer !

A VOZ DO CONDE.

Não tolero !

O BOBO.

Não disse ! Que effeitarrão !...

(Grande altercação no quarto. Ouvem se as vozes do Conde, da Condessa, do Medico e dos Cavalleiros. Entra o Conde em camisola e barrete de dormir, perseguido pelo Medico com a seringa na mão. Entram a Condessa e os Cavalleiros. Musica na orchestra. Entram as Aias, os Couteiros, etc.

SCENA V

O BOBO, O CONDE, A CONDESSA, O MEDICO, OS
CAVALLEIROS, AS AIAS, ETC.

CORO.

Que gritaria !
Que aconteceu ?
Que mais seria ?
Que succedeu ?

O senhor conde falleceu ?

(Continúa a musica em surdina na orchestra até o final).

A CONDESSA, *que empunha uma vara de marmeleiro.*

Ah ! tratante ! espera lá...

O CONDE.

Oh ! perdão, esposa amada !

A CONDESSA.

Tu vaes apanhar pancada
De criar bicho !

O CONDE.

Ouve lá !
Eu confesso-me culpado,
Mas estou arrependido ;
Terás um fiel marido
De agora em diante ao teu lado !

A CONDESSA.

Não perdôo !

O CONDE, *ajoelhando-se.*

Malvina amada,
Vê que pezar me consomme !

A CONDESSA.

Nunca !

O BOBO, *aparte.*

Malvina,—este nome
Faz lembrar a goiabada...

A CONDESSA.

Não perdôo !

O CONDE.

Sim... perdôa !...

A AIA.

Perdão, senhora !

TODOS.

Perdão !

A CONDESSA.

Não ! não ! não ! não ! não ! não ! não !

O CONDE.

Sim ! sim ! sim ! sim ! Tu és boa !

A CONDESSA

Não perdôo !

O CONDE, *erguendo-se enfurecido.*

Pois não perdôes !

(Arrebata-lhe a vara).

Venha a vara de marmello !

Não quero mais no castello

O carro adiante dos bois !

Não perdôas ?

A CONDESSA, *abraçando-o.*

Sim ! perdôo !...

Gostei da tua energia !...

O BOBO, *ao publico.*

Então, heim ? Não lhes dizia ?

A coisa é cortar o vôo.

A CONDESSA.

Perdôo, mas, meu amigo,

De hoje em diante—has de jurar—

Nunca mais irás caçar...

O CONDE.

Só hei de caçar contigo.

O BOBO, *vindo ao proscenio e preparando-se para monologar.*

Meus senhores...

A CONDESSA, *tapando-lhe a bocca.*

Eh ! quem sabe
O' bobo, pae da massada,
Se queres que a pachuchada
Por um monologo acabe ?

O BOBO.

Tem razão, minha senhora ;
Seria coisa exquisita.
Maestro, vamos, repita
O maxixe de inda agora.

CANTO

A CONDESSA.

Venha um maxixe etc.

(Repetição pelo coro. Dansa geral. Cae o panno).